

na face anterior e as outras na face medial, com angulação de 90° entre elas e o osso. Comparando-se as distâncias da pele ao canhão da agulha, avaliou-se então trans-cirurgicamente o alinhamento dos fragmentos ósseos. Após dobrar as extremidades salientes dos pinos, com alicate comum, fazendo com que eles fiquem paralelos ao osso fraturado e a uma distância da pele de 3,5 cm, (dependendo do porte do animal), colocou-se o cimento odontológico polimetilmetacrilato (PMMA) em ambos os lados. Para determinar a qualidade da redução e estabilização ósseas obtidas com o método usado, foi utilizado o exame radiográfico mediato à cirurgia no qual determinou-se em graus o posicionamento espacial (alinhamento e aposição) das extremidades dos fragmentos da fratura e esquirolas ósseas. Foram avaliados 21 animais da espécie canina e um da espécie felina, com peso oscilando entre três a 17 kg, idade cinco meses a nove anos, de raças variadas. Dos 22 animais, 18 apresentaram fratura rádio-ulnar transversa diafisária e os demais apresentaram fratura rádio-ulnar oblíqua diafisária, fratura tibio-fibular transversa diafisária e fratura tibio-fibular oblíqua diafisária. Como a distensão com um único aparelho colocado lateralmente gerava uma angulação varo do membro, conforme anunciado por Piermattei & Flo, utilizou-se mais um distensor, o que foi de grande valia, pois colaborou na redução dos fragmentos da fratura à sua posição normal, sem precisar de micro abordagem à fratura, perturbando assim o mínimo possível os tecidos moles, o que é muito importante. Também, o uso de agulhas hipodérmicas na determinação do alinhamento dos fragmentos ósseos, deu uma grande contribuição. Em 17 animais o alinhamento atingido foi de 100 a 70%, em um animal esse alinhamento correspondeu a 40% e em quatro animais não houve aposição, alinhamento e redução anatômica do osso, acreditando-se que o exame radiográfico trans-cirúrgico teria sido de grande valia para corrigir o desalinhamento. Mesmo assim, os pacientes que obtiveram 40% ou menos de redução anatômica, aos 90 dias apresentavam radiologicamente calo e linha de fratura invisível, com recuperação funcional adequada. O relaxamento muscular e a redução dos fragmentos fraturados foram atingidos sem maiores dificuldades, utilizando-se a gravidade, auxiliada pelo uso dos distensores ósseos, que segundo Fossum e Piermattei & Flo, são formas para se atingir esse objetivo. A utilização dos distensores ósseos foi de grande importância, também na fixação dos fragmentos fraturados, pois ofereceu suporte no momento da aplicação do cimento odontológico. Conclui-se, portanto, que o uso de dois distensores ósseos é de grande valia na redução e estabilização bilateral percutânea das fraturas rádio-ulnares e tibio-fibulares, ambas pelo método fechado.

## Utilização da criocirurgia no tratamento de carcinoma de células escamosas em gatos

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade de São Paulo – SP

O carcinoma de células escamosas é um tumor de pele comum nos gatos, correspondendo a 15% das neoplasias de pele nesta espécie<sup>1</sup>. Os locais mais freqüentes para o surgimento desse tumor são o plano nasal, orelhas, pálpebras e região periocular, especialmente, se essas áreas são escassas de pêlo ou despigmentadas. Há várias opções de tratamento disponíveis, incluindo a excisão cirúrgica, radioterapia, terapia fotodinâmica, quimioterapia e criocirurgia cada uma com suas vantagens. A criocirurgia é mencionada na literatura internacional para o tratamento de carcinoma de células escamosas em gatos, no entanto, não existe relatos objetivos de sua eficácia. No Brasil, há poucos relatos da utilização desta técnica no tratamento de neoplasias de pele, portanto, o presente trabalho tem como objetivo avaliar a eficácia da criocirurgia no tratamento de carcinomas de células escamosas em gatos. Utilizou-se sete gatos de ambos os sexos, raça e idades variadas encaminhados ao Serviço de Cirurgia de Pequenos

Queiroz, G.F.<sup>1</sup>;  
Matera, J.M.<sup>1</sup>;  
Dagli, M.L.Z.<sup>1</sup>

Animais com lesões em região de plano nasal, orelhas e periocular. Os animais foram pré-medicados com acepromazina 0,05 mg/kg associado a dolantina 2 mg/kg por via intramuscular, induzidos com propofol (4mg/kg IV) mantidos em plano anestésico com o uso de isoflurano. Realizou-se antisepsia da área e retirou-se um pequeno fragmento das lesões para exame histopatológico. A criocirurgia foi utilizada isolada ou em associação a excisão cirúrgica por meio da técnica do “spray” com o aparelho CRY-AC-3 (CRY-AC-3 - Brymill). O número de ciclos de congelamento variou de 2 a 3 e o tempo de congelamento de 30 a 60 segundos. Foram utilizados sete gatos, sem raça definida, idades variando de um a 12 anos, média de 7,7 anos. Do total de animais quatro (57,14%) apresentavam mais de uma lesão, totalizando 14 lesões, destas, sete (50%) localizavam-se em orelhas, seis (42,86%) em plano nasal e um (7,14%) em região periocular. A orelha foi o local mais comum de ocorrência das lesões, resultados esses semelhantes aos encontrados por Lucas e diferentes dos obtidos por Clarke onde o local mais comum foi o plano nasal (89%). Todas as lesões (100%) tiveram resolução completa. Resultados estes superiores ao encontrados por Clarke com 83% de resolução e por Lucas com 63% dos casos de carcinoma. Das 14 lesões, 11 (78,57%) resolveram-se após um único tratamento, três (21,43%) após o segundo tratamento. Clarke obteve resolução de 9% das lesões após o segundo tratamento e 2% após o terceiro. As complicações mais frequentes foram alopecia (71,43%) e obstrução de narina pela cicatrização (14,29%), dados esses diferentes do estudo de Clarke, onde a principal complicação encontrada foi a obstrução de narina. Nenhum animal apresentou recidiva por um período médio de 111 dias. Lana em seu estudo com onze gatos tratados pela criocirurgia refere oito (73%) casos de recidiva no local inicial. Pôde-se concluir que a criocirurgia é uma técnica rápida, fácil e eficaz no tratamento de carcinomas de células escamosas de gatos localizados em região de plano nasal, orelhas e região periocular.

## Estudo epidemiológico, radiográfico e terapêutico de cães acometidos por Tumor Venéreo Transmissível (TVT) nasal em um período de 12 meses

Daleck, C.R.<sup>1</sup>;  
Silva, M.C.V.<sup>1</sup>;  
De Nardi, A.B.<sup>1</sup>;  
Zanatta, R.<sup>1</sup>;  
Brum, A.M.<sup>1</sup>

1- Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Universidade Estadual Paulista – Campus de Jaboticabal – SP

O Tumor Venéreo Transmissível (TVT) é uma neoplasia contagiosa de ocorrência natural, com maior incidência na maturidade sexual dos cães. Localiza-se principalmente na genitália externa de cães machos e fêmeas, sendo usualmente transmitido pelo coito, mas pode apresentar localizações extragenitais através da implantação de células tumorais por lambedura ou contato direto. Metástases de TVT foram identificadas na pele, lábios, linfonodos inguinais, mucosa oral, fígado, baço, rins, pleura, mesentério, esqueleto e fossas nasais; no cérebro; pituitária; globo ocular e em conduto auditivo externo. Cães acometidos por TVT nasal apresentam sinais clínicos como descarga nasal com secreção hemorrágica, espirros, obstrução uni ou bilateral do fluxo de ar, deformidade da face ou do palato duro, fistula oronasal, lise óssea e dor. O diagnóstico baseia-se na história clínica, exames físico e radiográfico, tomografia computadorizada, citologia e biópsia para avaliação histológica do tecido tumoral. A cirurgia, radioterapia, imunoterapia e quimioterapia têm sido empregadas como meios de tratamento. Segundo O'Keefe, quimioterápicos isolados ou associados são os que atualmente apresentam melhores resultados para tratamento do TVT nasal. O prognóstico é favorável, exceto para os casos que apresentam metástases ou resistência à quimioterapia. O objetivo deste trabalho é relatar a epidemiologia, os achados radiográficos e resposta à terapia de cães acometidos pelo tumor venéreo transmissível nasal. Durante o período compreendido entre fevereiro de 2003 a fevereiro de 2004, oito animais com